

BE #1 Junho  
2018

QUEER



GÉNEROS  
E IDENTIDADES  
SEXUAIS

## UMA LUTA EM PROGRESSO

A batalha pelos direitos das pessoas LGBT+ está longe do fim e o Bloco de Esquerda está aqui para participar na luta e fazer a diferença.

Vivemos num país no qual a discriminação e a opressão ainda estão bem presentes, e reconhecemos que uma grande parte dessa mesma luta passa por informar e sensibilizar as pessoas. Pretendemos que esta revista desempenhe o papel de "tira-dúvidas". Temos como objetivo incentivar as pessoas a saber mais e a participar ativamente, e este pode ser um espaço de debate para todxs.

O grande início da luta LGBT+ foi a Revolta de Stonewall. Esta manifestação de descontentamento com a falta de direitos e as brutalidades praticadas sobre homossexuais desencadeou uma série de mudanças na legislação norte-americana e inspirou o mundo a ter voz própria.

Em Portugal, apesar de a nível legislativo termos obtido grandes avanços, a nível social ainda há muito por fazer. Ainda há pessoas com medo de sair à rua e de se expressarem livremente porque vão ser alvo de críticas ou até agredidas. Isto tem de acabar e é com empenho e persistência que conseguiremos.

O debate sobre os direitos humanos tem-se mostrado, ao longo dos anos, cada vez mais "em cima da mesa" e, em tempo de ataques aos direitos sociais, é crucial usarmos todos os meios disponíveis para vivermos num mundo um pouco mais justo e progressista a cada dia que passa. Daí termos sentido a necessidade de encontrar uma forma de acelerar este processo. Através de uma revista que rompa estereótipos e elucide quem a lê.

Cada edição desta revista explicará conceitos focando-se apenas num tema.

Este primeiro número da revista é composto por cinco textos sobre género e orientações sexuais e de sugestões de filmes e séries.

//Grupo LGBT+ do Bloco de Esquerda

# ÍNDICE

- 03.....Porque é importante falar de género?
- 04.....Incógnitofobia
- 05.....[Re]pensar Género
- 06.....O notável prefixo 'Trans'
- 07.....RIP 2MY YOUTH
- 08.....Livros e Filmes recomendados

**15º ACAMPAMENTO LIBERDADE**  
25-30 DE JULHO  
PARQUE DE CAMPISMO DE MARTINCHEL  
CASTELO DE BODE

AMBIENTE  
ANTICAPITALISMO  
ANTIRACISMO  
FEMINISMO  
DEBATES/FILMES/WORKSHOPS  
FESTAS  
NATUREZA  
QUEER  
40€ = ESTADIA+TRANSPORTE+ALIMENTAÇÃO

INSCREVE-TE!  
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/JOVENSBE](https://www.facebook.com/JOVENSBE)





# INCÓGNITO GNITO FORIA

Assim intitulei o medo do desconhecido. As pessoas têm tendência para reagir pela negativa ao que não estão habituadas e ainda pior ao que não conhecem de todo. Assim que um assunto se torna banal, perde a graça e deixa de ser polémico ou alvo de críticas em massa.

Deixo aqui a minha ideia de que, muitas vezes, o preconceito deriva deste medo do incógnito.

Vamos imaginar que sou uma pessoa de poucos amigos que não gosta de alterar a rotina e muito menos o meu círculo de amigos.

Certo dia, o meu pior pesadelo acontece. Chego ao café onde religiosamente me encontro com os meus amigos e há alguém novo na mesa. Fico a saber que se chama Tiago e ao fim de uns dez minutos de conversa chego à conclusão de que não suporto aquela pessoa. Tudo o que eu mais queria era que parasse de falar sobre a cobra que tem em casa. Acho que já percebi a ideia. Tens uma cobra e ela é, passo a citar: “a minha melhor amiga”. Está bem, mas eu não quero ouvir isto. Odeio répteis.

Tiago continua a aparecer nos nossos encontros semanais e eu não tenho outro remédio senão habituar-me à sua presença. O que me deixa perplexa é o facto de, ao fim de um mês, eu ter começado a gostar daquela pessoa (aparentemente temos muito em comum).

Isto levou-me a aperceber que estava totalmente errada em relação a Tiago. Quem diria que aquele ser que ao início me atormentava com as suas conversas

sobre o animal de estimação era uma pessoa interessantíssima. Nunca mais estranhei a sua presença. Melhor, gostava dela.

Com esta analogia quis mostrar que conhecer pessoas é como ouvirmos falar ou lermos sobre um assunto do qual não temos a mínima informação. Saber mais sobre o Tiago fez-me esquecer todo o preconceito que criei à sua volta quando nos conhecemos. O mesmo se passa com os assuntos com que nos debatemos no dia-a-dia.

Ainda não passou muito tempo desde os dias em que nos identificamos como algo diferente de heterossexual era considerado, talvez, um dos maiores tabus. Não podemos dizer que hoje em dia não há discriminação perante a homossexualidade, por exemplo. No entanto, podemos afirmar que a cada dia que passa, o espaço para nos expressarmos é um bocadinho maior.

Acredito que em Portugal ainda a quantidade de pessoas que sofrem de incógnitofobia não seja pouca. Temo que assim o seja durante muito mais tempo. Apesar de tudo, acredito que um dia as pessoas pararão de estranhar coisas novas e o preconceito perante as mesmas será reduzido.

//Adriana Afonso





# (RE) PENSAR GÊNERO



Século XXI. Uma sociedade supostamente progressiva. Todavia, nesta sociedade nem todos nós temos o mesmo acesso à informação que diz respeito, em particular, à comunidade LGBT. Há vários motivos pelos quais algumas pessoas ainda não estão familiarizadas com conceitos tão simples como, “homofobia” ou até mesmo “homossexual”. Entre estes motivos temos o desinteresse pelo assunto, a falta de informação numa linguagem acessível que alcance a maioria da população, entre outros. Se concepções tão simples são ainda uma incógnita para alguns, só podemos imaginar o quão desconhecidas devem ser as noções de identidade de gênero e orientação sexual.

Com este texto pretendo elucidar o leitor em relação aos conceitos acima mencionados, explicitar as relações que se estabelecem entre ambos, o que os torna tão diferentes e, esperançosamente, acabar com qualquer dúvida que possa existir sobre os mesmos.

Vamos começar?

Na generalidade, a sociedade tende a olhar para o gênero como algo binário, ou seja, estritamente mulher ou estritamente homem, crença esta baseada no nosso sexo biológico. No entanto, o não-binarismo é algo cada vez mais comum e também mais aceite na sociedade (ainda que com muitos olhares de lado). Ora, a questão principal – o que é isto de não-binarismo? – pergunta o leitor.

O não-binarismo é a simples noção de que o gênero não se trata de algo a preto e branco, ou seja, algo com apenas dois polos, mas sim de um espectro, onde cabem conceitos como, agênero (ou gênero neutro), fluidez de gênero,

genderqueer, entre tantos outros. É exatamente no momento em que um indivíduo se identifica com qualquer um destes conceitos – que caem fora do binarismo – que a sociedade começa a torcer o nariz. Vamos então explicitar o que é identidade de gênero.

Identidade de gênero é o sentimento de ser do indivíduo, independentemente dos seus órgãos genitais e da sua anatomia. É no fundo, o gênero com o qual o indivíduo se identifica (mantenha em mente que o gênero não é algo binário). O porquê de esta noção gerar tanta polémica e ultraje é ainda uma incógnita para muitos de nós, visto que a própria Organização Mundial de Saúde considera o gênero algo social e que não estabelece relações primárias com a nossa anatomia, portanto são coisas distintas, mas que continuam a ser associadas, como se andassem de mãos dadas uma com a outra.

Algo bastante importante e que devemos ter em conta quando falamos de identidade de gênero são os pronomes utilizados. Imaginemos que estamos em conversa com alguém cuja identidade de gênero não se identifica com o seu sexo biológico, um indivíduo genderqueer. É imperativo que usemos os pronomes preferidos por elx, visto que são estes que transmitem a sua identidade de gênero aos outros. Infelizmente, a língua portuguesa não é dotada de pronomes neutros, o que provoca, por vezes, um grande desconforto em pessoas genderqueer.

Um outro termo que necessita de explanação e que é bastante confundido com identidade de gênero é expressão de gênero. Portanto, expressão de gênero é o modo como o indivíduo escolhe

apresentar o seu gênero à sociedade, quer seja com o recurso a roupas, calçado, acessórios, maquilhagem, corte de cabelo, tom de voz e até mesmo expressões corporais. A expressão de gênero é habitualmente categorizada como feminina, masculina ou andrógina. Todos os indivíduos apresentam uma expressão de gênero e esta pode ser congruente com a sua identidade de gênero ou não.

Com as questões de gênero já fora do caminho, passemos então às questões da orientação sexual. Mais uma vez, temos em mãos um conceito que recai sobre um espectro, ou seja, não há só heterossexualidade e homossexualidade, temos por exemplo a bissexualidade, a pansexualidade, a assexualidade, a demisexualidade, a polissexualidade, entre tantas outras orientações.

A orientação sexual é o sentimento de atração (física e/ou psicológica) por outra pessoa. Um indivíduo pode ser atraído por pessoas do mesmo sexo, por ambos ou até mesmo por alguém que não referencie o seu sexo e/ou o seu gênero. Algumas pessoas não experienciam atração sexual primária e podem identificar-se como assexuais.

Recapitulando, orientação sexual recai sobre a atração por outros indivíduos (externo), enquanto o gênero é algo que está dentro de nós, é o nosso sentido de ser (interno). Todas as pessoas têm uma orientação sexual que é separada do seu sexo biológico, identidade de gênero e expressão de gênero, no entanto, a orientação sexual é definida pela identidade de gênero da pessoa sob a qual nos sentimos atraídos.

//Ana Sofia Oliveira





# O NOTÁVEL PREFIXO 'TRANS'

No decorrer do nosso dia-a-dia, inseridos num paradigma social, cultural e político esmagadoramente heteronormativo, resistente ao 'fora da norma' e ao queer, quando nos apresentam termos como transgênero, travesti, transformista, quase nada familiares, quanto mais claros, é normal que não os compreendamos, nem os saibamos separar. Queremos então esclarecer o significado de cada uma destas palavras, aquilo que traduzem, e como se distinguem entre si.

Travestir ou crossdress é o ato de se vestir e de se apresentar com roupas/acessórios associadas tradicionalmente ao sexo oposto. Quem o faz é denominado travesti. Não sendo uma questão de identidade de género, mas de como a expressamos, existem diversas razões pelas quais alguém escolhe travestir. Enunciemos então algumas delas:

Pode ser pelo facto do género de um indivíduo não corresponder ao seu sexo, ou seja, essa pessoa ser transgênero ou transexual, e o indivíduo sentir a necessidade ou forte vontade de se vestir de uma forma que esteja socialmente mais associada ao seu género, e não ao seu sexo. O ato de travestir tem então um papel vital para o conforto de mulheres e homens transexuais, e também para pessoas cujo género é não binário, que ao travestirem-se conseguem apresentar esse não binarismo, transmitir uma aparência andrôgena. É uma questão de

expressão de uma identidade, seja ela qual for.

Outra possível motivação para crossdress é a contestação dos papéis patriarcais de género (que lêem a feminidade como o fraco, o delicado) e da imposição destes imperativos, tanto aos homens, que não devem demonstrar feminidade, como às mulheres, que não devem escapar-se dela, e até às pessoas não-binárias, que devem associar-se aos papéis relacionados com o seu sexo, e não com o seu género, vendo assim a sua identidade mais íntima desrespeitada.

Entendemos então que o travestir pode ter o papel de abanar os alicerces da misoginia, do binarismo e da sua rigidez.

Não excluir ainda todxs aqueles que, subscrevendo ou não a ideia de separação entre géneros, simplesmente vestem o que querem.

Vamos ao drag. Também conhecido como transformismo, consiste na criação de uma personagem ou de um alter-ego que apresenta no seu aspeto físico (na maior parte das vezes trasvestindo-se), bem como nos seus maneirismos e comportamentos, as características tradicionalmente associadas a um determinado género, de uma forma exagerada ou irreverente. O drag e a performance de Drag Queens e Drag Kings têm como objetivo entreter, divertir, emocionar.

Mais especificamente o drag/transformismo distingue-se do travestir, visto que, embora possa ter o papel de crítica social, ao drag está associado fortemente um pendor artístico, do mundo do espetáculo, até de fantasia. Por outro lado, o travestir (embora seja essencial para muitxs transformistas) tem na sua origem diversas razões, como a intervenção política e social, estética pessoal ou procura de conformidade com a identidade de cada umx, como referimos anteriormente.

Verificamos então que tanto o transformismo como o travestir não são identidades, não são realidades interiores profundas de um indivíduo, mas sim uma exteriorização e expressão possível desta mesma identidade, ou até de uma personagem – são algo que decidimos fazer com o nosso aspeto.

Aqui está a diferença entre estas ações (travestir e fazer drag) e as identidades trans. Ser transgênero ou transexual não se baseia em como escolhemos apresentar-nos, mas sim como somos, quem somos, que género temos. É o verdadeiro sentimento de ter um género (binário ou não-binário) que não é associado ao do sexo com o qual nascemos. A identidade de género, ao contrário da sua expressão, não é algo visível aos outros, mas sim uma realidade pessoal muito significativa.

//Gil Rodrigues





# LIVROS, SÉRIES E FILMÉS RECOMENDADOS



## CASA DO CAIS

[Produção: RTP Play; 10 episódios; 2018]

Uma série abertamente LGBT sobre um grupo de amigxs que partilham uma casa no Cais do Sodré.

## MOONLIGHT

[Realização: Barry Jenkins; 1h51m; 2016]

Este filme narra a vida de um jovem afro-americano gay durante a descoberta da sua sexualidade, enquanto desafia o mundo e os estereótipos de masculinidade.

## TOMBOY

[Realização: Céline Sciamma; 1h22m; 2011]

Laurie, uma rapariga de 10 anos faz-se passar por rapaz para ser amiga das crianças da vizinhança e dá por si com uma crise de identidade.



## A RAPARIGA DINAMARQUESA

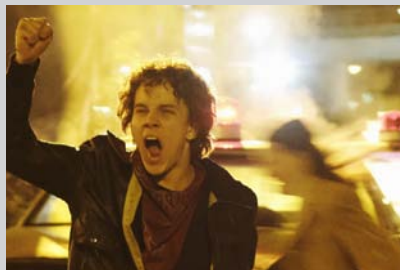
[Realização: Tom Hooper; 1h 59m; 2016]

Um filme que relata a história de Lili Elbe - Uma das primeiras pessoas a submeter-se a uma cirurgia de mudança de sexo.

## SIMON VS A AGENDA HOMO SAPIENS

[Editora: HarperCollins; Autora: Becky Albertalli]

Simon tem dezasseis anos e é gay, com indecisão em sair do armário. Tudo muda quando Martin, um rapaz da escola, descobre uma troca de e-mails entre Simon e alguém que se auto-intitula como "B".



## WHEN WE RISE

[Produção: ABC; de Gus van Sant; 8 episódios; 2017]

Uma minissérie sobre a história do movimento LGBT nos EUA.



## CALL ME BY YOUR NAME

[Realização: Luca Guadagnino; 2h12m; 2017]

Tudo muda na vida de Elio quando este conhece Oliver, um rapaz que veio ajudar na pesquisa do seu pai.

## CLOSET MONSTER

[Realização: Stephen Dunn; 1h30m; 2015]

Oscar teve a sua infância marcada pela separação dos seus pais e por um crime de ódio que o fez reprimir a sua sexualidade. Mais tarde, a sua amizade com um colega de trabalho faz com que o protagonista recupere a sua confiança.

